

# VI SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

## A UNIÃO NA DIVERSIDADE

Escola Superior de Educação de Santarém  
Departamento de Línguas e Literaturas

### SIMPÓSIO 04

**A REPRESENTAÇÃO DO SERTÃO EM *O SERTANEJO*, DE JOSÉ DE ALENCAR E NO  
*SERTÃO DO CONSELHEIRO*, DE JOSÉ ARAS.**

#### **Autores:**

SANTANA, Anita de Jesus

UEFS, Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Letras e Arte.  
[annysantanna@yahoo.com.br](mailto:annysantanna@yahoo.com.br) Euclides da Cunha, Bahia, Brasil.

PINHO, Adeíto Manoel

UEFS, Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Letras e Arte.  
[adeitalopinho@gmail.com](mailto:adeitalopinho@gmail.com) Feira de Santana, Bahia, Brasil.

#### **Resumo :**

Refletir sobre a Literatura Brasileira, em nossos dias, requer uma análise a partir das primeiras produções que contribuíram para o processo tanto de formação da nossa literatura como da identidade nacional. No entanto, reconhecendo que o trabalho se tornaria bastante extensivo, fazemos aqui um recorte, nos detendo a um estudo centrado no século XIX, período em que o Romantismo é a escola literária em destaque, tendo como principal expoente José de Alencar. Dentro da obra do autor, fazemos ainda outro recorte e vamos nos situar no livro em que este traz como tema o homem do sertão. Ao se compreender que o Romantismo se constituiu como importante movimento literário do século XIX e ainda permanece em nossos dias, por meio de um espírito envolto por sentimentos e ideais enriquecedores para nossa literatura, o presente trabalho tem como objetivo perceber como as ideias românticas de José de Alencar sobre sertão e sertanejo influenciaram e mantem diálogo com obras literárias posteriores. Nesse sentido, nossos estudos ocorrerão principalmente, a partir de *O Sertanejo* de José de Alencar e *No Sertão do Conselheiro* de José Aras, obras em que serão discutidos aspectos ideológicos, culturais e políticos desses autores. Nascidos em um mesmo espaço geográfico do Brasil, denominado nordeste, José de Alencar e José Aras, de forma lírica, um na prosa outro no verso, deixam impresso o

sentimento de valorização da localidade e do país ao qual pertencem. Cada um marca o lócus onde nasceu a partir de concepções e ideologias de acordo com o tempo e circunstâncias em que estavam inseridos, mas também com um objetivo em comum: falar de forma idealizada ou realista o que era o sertão e o que significava ser sertanejo. Para embasar nossas discussões iremos nos apoiar em reflexões de teóricos como Stuart Hal (2014), Canclini (2008), Renato Ortiz (2012), dentre outros.

**Palavras-chave:** Romantismo; sertanejo; sertão; identidade cultural.

## **Introdução**

Diante da abordagem sobre o sertão tratada tanto por José Aras como por José de Alencar não podemos adentrar na produção escrita desses autores sem deixar de trazer para discussão alguns aspectos da formação histórica e literária de nosso país, bem como o diálogo que estes mantêm nas obras aqui escolhidas. José de Alencar foi romancista, dramaturgo, jornalista, advogado e político brasileiro. Foi escolhido por Machado de Assis. Nasceu no Sítio Alagadodicho Novo, Messejane no Ceará no dia 11 de maio de 1829. Filho de José Martiniano de Alencar, senador do Império e de Ana Josefina. Em 1838 mudou-se com a família para o Rio de Janeiro. Morreu aos 48 anos no Rio de Janeiro de tuberculose, deixando 6 filhos

Desde o romantismo, o romance regionalista, buscava a compreensão e valorização de aspectos referentes à língua, à cultura, à etnia e à vida social de diversas partes do Brasil. Desse modo, merece destaque o interesse do escritor José de Alencar, dentre outros assuntos, pela tônica de expressão regional ao escrever os romances *O Gaúcho* (1870), *O Tronco do Ipê* (1871), *Til* (1872) e *O Sertanejo* (1875). Neste último Alencar, de forma singular, procura mostrar o modo de ser do homem habitante do sertão, ainda que o faça de forma idealizada, ao transplantar para o personagem Arnaldo o arquétipo do cavaleiro medieval. Substitui assim, o herói indígena, encontrado nos romances *O Guarani* (1857) e *Iracema* (1865), pela figura do sertanejo.

Essa foi uma abordagem, também, apresentada por José Aras, pois como sertanejo, procurou principalmente falar dos habitantes de sua terra, com os costumes e modos de ser, ao mesmo tempo em que eram representados de forma singular e plural. José Soares Ferreira Aras, mais conhecido como José Aras e que

assinava seus cordéis como J. Sara, nasceu aos 26 de Julho de 1893, no Sítio Lagoa da Ilha quando Euclides da Cunha, situada à 316k da capital do estado, Salvador, ainda se chamava Cumbe e era município de Monte Santo. Faleceu na mesma cidade de origem, a 18 de outubro de 1979.

Seus pais foram José Raimundo Soares e Joana Maria do Espírito Santo. Desde cedo já demonstrava sensibilidade para transformar fatos corriqueiros em versos. É assim que aos seis anos de idade compõe seus primeiros versos, a caminho da Feirinha do Cumbe. Poeta repentista, crítico dos costumes de sua terra, pescador e o primeiro a contar em poema de cordel e em prosa a história da Guerra de Canudos, na visão dos sertanejos. Em apenas dois meses e meio, como ele mesmo revela, aprendeu sentado em um tosco banco de escola com o mestre, Cândido Santiago. Daí então adquire todo seu conhecimento de forma autodidata.

A partir dessas obras podemos encontrar pontos de confluência na escrita dos dois autores, em estudo, observando questões como a construção da identidade nacional e cultural, discutidas pelos teóricos Nestor Garcia Canclini (2008) e Stuart Hall (2008), como também, Eduardo Coutinho (2002) e Lúcia Helena (2002). Apesar de escritos em épocas e contextos distintos é possível perceber semelhanças na forma de apresentação do homem que vive no sertão cujos aspectos culturais e sociais atravessam o tempo e se coadunam na produção literária.

A partir da historiografia brasileira diversos caminhos foram sendo delineados em nosso país desde o início da colonização até chegar à independência, momento em que afloraram os ideais românticos. Ao refletirmos sobre a tentativa de se atribuir à literatura e à identidade um caráter nacional não podemos esquecer-nos de questões que acabaram criando conceitos unilaterais e homogeneizantes. O ensaísta Eduardo Coutinho (2002) tematiza a questão em seu texto, “Discurso Literário e construção da identidade brasileira”, ao esclarecer que a definição de nação bem como de literatura nacional nem sempre tiveram seu emprego tal qual nos é apresentado hoje. Esta última foi originada no início do século XIX pelos alemães, os quais acreditavam que a literatura podia ser definida segundo sua ligação com o nacional, o que significava incorporar características inerentes à nação.

Para Coutinho essa ideia fez com que nação e literaturas nacionais fossem vistas como acontecimentos naturais e não como construções realizadas por indivíduos de acordo com interesses políticos e em determinado contexto histórico. O teórico assevera que “as literaturas nacionais são construções elaboradas para respaldar a identidade de uma nação, conferindo-lhe um status cultural necessário para sua projeção na arena das disputas internacionais” (COUTINHO, 2002, p. 54). Nesse sentido se desenvolveu uma relação de dependência, uma vez que para se afirmar a nação se utiliza da literatura como respaldo e, por conseguinte, esta ganha a condição de literatura nacional.

Nessa perspectiva, Stuart Hall (2014) afirma que a identidade não é algo com que nascemos, mas formada e transformada no contexto das representações. Do mesmo modo o autor nos adverte que a cultura nacional é um discurso por meio do qual se constroem sentidos, ações e concepções que temos de nós mesmos. Enfim, a ideia de cultura nacional e identidade são narrativas que perpassam pela história, pela memória e pelo imaginário dos homens.

Diante das questões mencionadas somos levados a pensar sobre o papel fulcral exercido pela literatura brasileira na construção do que se imaginou e se pretendeu criar a fim de que o país se firmasse com uma identidade própria. É no contexto dessa discussão que escritores tiveram como objetivo primordial a produção de uma escrita literária composta por matizes representativos de uma nação em desenvolvimento.

A partir desse propósito, José de Alencar, como intelectual da época, toma, para si a incumbência de falar através de suas obras do que poderia representar o país de forma que fosse projetado nacional e internacionalmente. Isso fez surgir o que Lúcia Helena (2002) chama de “romance de formação”. A teórica deixa explícita a pretensão de Alencar em falar o que significava ser brasileiro em um tempo no qual se fazia urgente uma produção literária que pudesse representar o Brasil, inserindo temas e elementos locais. O escritor atendeu assim, ao projeto do movimento literário romântico, pois na voz de Antônio Cândido (2002), o Romantismo no Brasil foi, sobretudo o nacionalismo, e este, por sua vez, foi antes de qualquer coisa, escrever sobre o país. Alencar, sem dúvida alguma, abriu caminhos para se pensar sobre as diversas identidades ainda questionadas na conjuntura nacional da atualidade.

Nascidos em um mesmo espaço geográfico do Brasil, denominado nordeste, José de Alencar e José Aras, de forma lírica, um na prosa e o outro no verso, deixam impresso o sentimento de valorização da localidade e do país ao qual pertencem. Cada um marca o lócus onde nasceu a partir de concepções e ideologias de acordo com o tempo e circunstâncias em que estavam inseridos, mas também com um objetivo em comum: falar de forma idealizada ou realista o que era o sertão e o que significava ser sertanejo.

### **O SERTÃO: origem e conceitos**

Torna-se importante destacar que muito se tem escrito e falado sobre o sertão. Desde a chegada dos portugueses já se pensava e se escrevia sobre esse meio colocando-o como um lugar distante do litoral. Assim Caminha em sua famosa carta ao rei D. Manuel faz a seguinte menção sobre o lugar: “Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa” (TUFANO, 1948, p.60). O sertão, nos vários conceitos que lhes é atribuído, aparece sempre como terra do interior, distante, ou ainda, como oposição ao litoral, geralmente para designar este como civilizado enquanto o primeiro estaria na condição de um sertão atrasado, bárbaro, contribuindo assim, para o isolamento e o precário desenvolvimento econômico em relação aos grandes centros.

Essa ideia de terra distante do litoral também é confirmada pelo professor Antônio Filho (2011) quando diz que, do ponto de vista geográfico, o sertão corresponde à imensa área interiorana, que começou a ser penetrada no século XVI assim que os colonizadores chegaram e as fazendas agrícolas foram separadas das fazendas de gado. Desse mesmo modo, ao falar da formação das freguesias e vilas no Cumbe, José Aras ressalta que “o povoamento do sertão foi promovido pela exploração pecuária e agrícola e pelos aldeamentos isolados que deram origem a núcleos da população” (ARAS, 2003, p.71).

O professor ainda nos dá várias informações a respeito do significado da palavra, importantes para a compreensão de sua origem e transformações ao longo do tempo, como podemos ler no seguinte trecho:

Segundo estudiosos como Gustavo Barroso (1947), da Academia Brasileira de Letras, de modo geral, admite-se que a palavra portuguesa 'sertão' nada mais é que a corruptela ou abreviatura de 'desertão', deserto grande, apelativo dado pelos portugueses às regiões despovoadas e hístides da África Equatorial. Tal vocábulo, por sua vez, derivou-se da forma latina correspondente: *desertus* (interior, coração das terras). A palavra 'certão' (com c), pode ser encontrada, segundo ainda Barroso (1947), já no Século XVI, designando as regiões do interior do próprio Portugal. Mas, no mesmo trabalho, Barroso (op.cit.) levanta a tese de que "sertão pode ter se derivado do vocábulo 'muceltão', abreviado para 'certão', cujo significado latino – *locus mediterraneus* – é perfeito. Afirma ainda, aquele autor, que a palavra 'celtão' ou 'certão' possa ser também corruptela de puro angolano, da língua bunda – michitu, muchitu e por fim muchitun, segundo ele, por nasalação dialetal. Esse termo era empregado com o significado de 'mato' pelo nativo do interior. Tal palavra tornou-se designativo de 'mato longe da costa'. Depois, por influência lusa, 'muceltão' e sua forma abreviada – 'celtão' ou 'certão', com o significado de selva, interior das terras africanas coberto de mataria (e não somente 'deserto grande' ou 'desertão') (ANTÔNIO FILHO, 2011, p.85).

Contamos também com a colaboração de Jerusa Pires Ferreira (2004) quando ao perfazer um caminho sobre a origem da palavra faz referência à vários autores que abordaram o assunto. Um deles é o filólogo e linguista alemão Joseph Piel. Segundo Ferreira diante dos impasses entre a associação do vocábulo sertão à *desertanus*, encontrado no dicionário etimológico de Meyer Lubke e o repúdio a esse conceito realizado pelo também filólogo Corominas, Piel propõe que a palavra sertão seja remetida ao vocábulo Sertanus oriundo de sertum, particípio passado de sero, serui, sere cujo significado é entrelaçar. Remete ainda, lembra a autora, ao substantivo sertum que significa grinaldas, coroas e tranças. Para o autor, o principal significado corresponde ao que está entrelaçado numa alusão à vegetação contínua. Essa mesma forma admitiria a contaminação do vocábulo sertus que significa inserido, metido, dentro. O estudioso correlaciona ainda, como lembra Jerusa, os vocábulos sertão, sartão, sartã, sartaão à palavra mato, considerando difícil estabelecer um limite entre estes.

Em relação ao tempo de surgimento da palavra Jerusa destaca a observação feita por Piel ao esclarecer que não há indícios de registros antes do século XV e

muito provavelmente tenha aparecido na tentativa de se atribuir uma denominação a aspectos físicos de regiões descobertas. Por outro lado o autor verifica a presença do termo em regiões portuguesas como Conselho de Amares, Arcos de Valdevez e Celerico de Basto. O fato é que, conclui Ferreira, o topônimo sertão aparece como Signo Linguístico a partir da Expansão Portuguesa, apresentando-se no Brasil de diversos modos.

Localizado entre o agreste e o meio norte da região nordeste o sertão é considerado a maior das mesorregiões do nordeste, englobando a maioria das Unidades Federativas nordestinas. O clima predominante é o semi-árido e a vegetação é a caatinga. O mapa nos dá a ideia de sua localização.



Figura 7. Mapa de localização do Sertão nordestino

Fonte: [http://www.cursoobjetivo.br/vestibular/roteiro\\_estudos/nordeste\\_sertao\\_secas.aspx](http://www.cursoobjetivo.br/vestibular/roteiro_estudos/nordeste_sertao_secas.aspx)

Procurando conhecer um pouco mais sobre essa parte da Região Nordeste encontramos no dicionário Aurélio a seguinte definição:

- 1.Região agreste, distante das povoações ou terras cultivadas.
2. Terreno coberto de mato, longe do litoral.
- 3.Interior pouco povoado.
4. *Bras.* Zona pouco povoada do interior do país, em especial do interior semi-árido da parte norte-ocidental, mais seca do que a caatinga, onde a criação de gado prevalece sobre a agricultura, e onde perduram

tradições e costumes antigos. (...). (FERREIRA: 1999, p.1845).

Percebemos que nas várias definições que encontramos sobre o sertão, ele é caracterizado como região distante do litoral, pouco habitada e ainda como lugar deserto. Um ponto ainda interessante sobre a hipótese da origem da palavra, destacado pelo professor ao citar Silva (1950), está no fato de haver em Portugal uma vila denominada sertã fundada por romanos com o nome de “sertago”. De acordo com Silva, a vila encontrava-se numa região de terra seca, despovoada e pouco fértil onde se desenvolvia o cultivo da oliveira.

Importantes também, são as informações da professora de História, Janaina Amado (1995), quando em seu texto *Região, sertão, nação* diz que o conceito de sertão data mesmo antes da vinda dos portugueses, no século XVI, chegando a ser considerada como uma categoria essencial no que diz respeito às construções historiográficas entre o século XIX e XX. A autora faz referências aos historiadores que procuraram discutir sobre o sertão citando como exemplos Varnhagem, Capistrano de Abreu (1975 e 1988), Oliveira Viana (1991), Euclides da Cunha (1954), Nelson Werneck Sodré (1941), Sérgio Buarque de Holanda (1957 e 1986) e Cassiano Ricardo (1940).

Já na década de 50 a autora lembra que o tema não teve tanta repercussão entre os historiadores, mas que por outro lado a discussão vai girar entre os sociólogos, dentre eles, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Douglas Teixeira Monteiro e Maurício Vinhas de Queiroz, além dos antropólogos Neide Esterici (1972) e Otávio Velho (1976). Na década de 90, segundo Amado, o sertão volta a ser tema de interesse dos historiadores, dentre os quais se destacam Giucci e Monteiro. Um importante ponto que a professora ressalta é o fato de que desde cedo, no pensamento da sociedade brasileira, o sertão se constituiu como uma categoria do entendimento do Brasil, primeiro como colônia e depois como nação. Sobre este último retomaremos a discussão no capítulo dois ao abordarmos sobre o romantismo, estilo literário em que muitos escritores voltaram-se para a compreensão e a busca da nacionalidade brasileira por meio da literatura, contando como principal expoente o romancista José de Alencar.

O professor Antônio Filho, destaca ainda outra curiosa hipótese levantada por Silva. Esta se refere à origem da palavra a partir do antropônimo, Domingos

Afonso Sertão, que teria recebido, em 1676, uma sesmaria de dez léguas à margem do rio Gurgueia, hoje território piauiense. São várias as hipóteses, mas o professor adverte que mesmo a palavra sertão aparecendo sempre como “terras do interior”, não significa que todas essas terras sejam desertas, de solo seco e improdutivo, pois varia de região para região e até mesmo em um mesmo território. Não há uma definição única e precisa para o termo sertão, como bem coloca Jerusa (2004) quando diz que a etimologia da palavra ultrapassa qualquer limite físico e conceitual além de permanecer indefinido o significado e ilimitado o conceito. Além disso, a autora ressalta que são várias as passagens em que se pode encontrar o sertão com significado de lugar povoado, cheio de vegetação e de árvores densas, apesar das constantes referências à aridez.

A paisagem do sertão de Aras não é fixa, uniforme como muitas vezes é estampada em obras, mas um espaço que se move em direção a outros espaços, uma vez que suas características físicas, históricas e sociais não são únicas, dado que outras regiões também podem apresentar peculiaridades semelhantes. Daí o “sertão” de Guimarães Rosa, (2006 ) na voz de Riobaldo, “está em toda parte”, inclusive em cada sertanejo que se vê e se sente como tal.

Aras reconhece os dias difíceis pelos quais passa o sertanejo dessa região designada de sertão, mas também não deixa de observar a fartura advinda da chuva, a perseverança de um povo que com seu trabalho colabora para o engrandecimento de sua terra. No poema abaixo podem ser identificados esses dois polos onde se contrastam a seca e a chuva, a pobreza e a fartura.

#### A seca e a acauã

Alvorece uma manhã  
De seca, na minha terra  
Grita agoureira a acauã  
Lá no penhasco da serra

Uma nuvem poeirenta  
Desenha no espaço um céu,  
Galhos sedentos, desnudos  
Pedem clemência ao céu.

Lá no baixão da cacimba  
O gado cambaleando  
Aos tropeços nas barrocas,

Com se vaqueiro aboiando.

Ao longe, cordões de chuva,  
Em caracóis pisca o raio  
De verde apenas se avista  
Periquito e papagaio.

O sol vermelho e ardente  
Resseca a mãe natureza,  
Mas se cai a chuva abundante  
Cobre o campo, que beleza!

A passarada entoa  
Louvando a bênção que desce  
Todos cantam meu sertão  
Somente a acauã emudece..  
Bendegó, 16 de agosto de 1968.  
(ARAS, 2003, p.244)

O sertão está em constante transmutação, basta observarmos como na falta da chuva os galhos retorcidos, o capim da cor da terra que parecem não ter mais vida ressurgem verdejantes “se cai a chuva abundante”.

### **O sertanejo/ no sertão do conselheiro em diálogo**

Nesse íterim que separa o romancista do Brasil, recém-saído do império, e o poeta e historiador local, está o movimento literário romântico que surge no Brasil por volta do final século XVIII e se estende até as últimas décadas do século XIX. Porém, acreditamos que o movimento não se finda aí, mas se prolonga em diferentes épocas e gêneros literários. Influencia, assim, gerações de escritores que, cada um ao seu modo, tenta deslindar meandros de ordem identitária, social, econômica, política e histórica muitos dos quais marcam o país.

É no bojo dessa discussão que se pode encontrar em muitos dos poemas do livro *No sertão do Conselheiro*, traços da escrita alencariana no que diz respeito à forma como apresenta o sertanejo, pertencente a um espaço, no qual os autores também estão inseridos. O homem que habita o sertão retratado por Alencar, em *O sertanejo*, se apresenta como um típico herói romanesco que a tudo está disposto para salvar sua amada. No entanto possui seus princípios, dos quais não foge nem para agradar o fazendeiro capitão-mor Gonçalo Pires Campelo, pai de D. Flor,

mulher que mais admira e por quem é capaz de tudo fazer para protegê-la bem como a toda sua família. Assim, é corajoso suficiente para não se submeter às ordens do patrão como podemos evidenciar na passagem em que o capitão-mor ordena que traga Jó, até sua presença.

Para o capitão havia sido Jó quem havia posto fogo na fazenda no dia em que chegavam de viagem. Mas Arnaldo não acreditava nessa suspeita diante da conversa tida com o amigo, pois este afirmara não ter sido o causador do incêndio. Por isso às ordens de Campelo, o narrador assim descreve a resposta dada por Arnaldo: “Arnaldo em cujo semblante perpassou uma sombra de melancolia, levantou a cabeça e cruzou o olhar sereno com o irado lampejo do velho: - Ao senhor capitão-mor Gonçalo Pires Campelo, digo-lhe eu, Arnaldo Louredo, que não.” (ALENCAR, 1977, p.77)

Identificamos em Arnaldo a representação de um homem destemido, pois apesar de estar na condição de empregado, não se sujeita às ordens dadas de encontro àquilo em que acredita. O sertanejo representado por Alencar não abre mão de suas virtudes mesmo desagradando a quem mais ama. Tais virtudes também são apresentadas por Aras quando ao se referir aos seguidores de Antônio Conselheiro ressalta:

O sertanejo preferia ouvir (e seguir) um homem humilde, crente em Deus, sincero, solidário e perseguido, que os levara a um local abençoado e de paz, e que vociferava contra as injustiças dos poderosos e do governo, a ouvir capuchinhos que apareciam, de vez em quando (nem sempre os mesmos), para realizar casamentos e batizados, preparando sermões recheados de ameaças e de impérios, com promessas de bem estar postergadas para a vida eterna. (ARAS, 2003, p.141)

A sinceridade se constitui como principal virtude para estes sertanejos. É o sentimento que os guia de forma que os tornam capazes de enfrentar os representantes da igreja e toda ordem imposta por governantes e poderosos, ainda que lhes custe a vida. A esse respeito nos fala Aras quando versa:

Eram dois povos num só  
Que se enfrentavam sem dó  
Um que impunha suas leis,  
O outro destemido e forte

Que pagava com a morte  
O direito de ter vez.  
(ARAS, 2003, p.146)

Como pessoas fortes, capazes de tudo e a todos enfrentarem, assim são os sertanejos apresentados pelo poeta Aras. Em consonância com esse modo de ver o homem do sertão destacamos em Alencar, na obra aqui apresentada, o mesmo espírito altivo e destemido deste indivíduo o qual não se curva às situações que não estão de acordo com seus princípios e desejos.

É assim que Arnaldo mais uma vez não hesita em dizer não ao Sr. Campelo, quando este lhe comunica que deverá se casar com Aline, pois para isso a tinha criado, segundo o fazendeiro, ensinando a moça todas as prendas necessárias para ser uma boa esposa. O vaqueiro reage à notícia com surpresa e constrangimento, no momento, não hesitando em lhe responder:

- O que posso asseverar ao sr. Capitão-mor é que não serei nunca nem vaqueiro de fazenda, nem marido de mulher alguma.  
- Há de ser!  
- Outro Arnaldo sim; este não!  
- Há de ser, e quem o diz é o capitão-mor Gonçalo Pires Campelo, insistiu o velho com a pachorra sonolenta que precedia as formidáveis explosões de sua cólera. (ALENCAR, 1977, p. 75)

Arnaldo contém seus ímpetos e deixa para defender sua liberdade no momento oportuno. Desse modo o vaqueiro evita o confronto com o capitão, a quem tanto admirava, mas, como nos alerta o narrador, sabia que um dia isso iria acontecer de forma a separar definitivamente os dois.

Observamos que a imagem do sertanejo apresenta-se, em alguns aspectos, semelhante nas obras analisadas e certamente há muitos outros pontos em comum. Isto nos faz entender que os movimentos literários não se encerram como costumam apresentar muitos livros didáticos, em um determinado período, cronologicamente datado, mas se interpõem aos movimentos nascentes em diferentes épocas. O estético, os temas, os ideais se mesclam e se ressignificam, dando origem ao processo de hibridização cultural, motivo de relevantes conceituações e reflexões por teóricos a exemplo de Nestor Garcia Canclini (2008),

e Stuart Hall (2014). Estes nos fazem pensar sobre o encontro de culturas que se iniciou desde a chegada de estrangeiros em nossas terras.

Quando analisamos a formação cultural de nosso país, vemos que o processo ocorreu de forma a submeter os saberes e crenças do outro ao apagamento. Foi assim com os índios e negros no encontro com os colonizadores. O segundo sendo obrigado a sair de suas terras, acabou vivenciando o que Stuart Hall chamou de experiência diaspórica. Em maior ou menor grau e de diferentes formas, tanto negros como os imigrantes a exemplo dos italianos que vieram trabalhar na lavoura de café, tiveram que encontrar estratégias para preservarem seus costumes. Nesse sentido a hibridação que acontece no contexto da diáspora é definida por Hall como “tradução cultural”. A expressão significa as experiências que os indivíduos vivenciam para se adaptarem às matrizes diferentes de sua origem. Para Hall nesse encontro há sempre uma luta a ser travada, pois desperta o sentimento de incompletude e incertezas sobre qual cultura seguir. “Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas”. (HALL, 2014, p.52) O encontro entre conquistadores e conquistados permitiu tanto o assujeitamento como a negociação entre as culturas

É nesse sentido que Canclini (2008) ao discutir sobre a modernidade sociocultural nos países da América Latina mais especificamente na Argentina, Brasil e México, aborda a questão da hibridez cultural, pontuando as relações entre os pares: hegemônico/subalternos, moderno/tradicional, cultura de elite/popular, somando-se a estes a cultura de massa. Há um constante diálogo entre as diversas culturas constituindo o que Canclini chama de “processo multicultural”.

O autor ressalta, ainda, o entrecruzamento dos diferentes tempos históricos que acabam recaindo no presente de forma não articulada, fenômeno que ele designa como “heterogeneidade multitemporal.” (CANCLINI, 2008, p.74) O pesquisador vê essa falta de integração como fruto de uma ausência de política nacional que regulamentasse o entrelaçamento das diversas culturas. É devido a esta questão que cada movimento literário desenvolvido no Brasil procurou se afirmar a partir da tentativa de apagar o que se tinha construído na escrita literária anterior. O movimento modernista é um bom exemplo na medida em que se opunha à formação da literatura precedente por compreender que as produções se

desenvolviam aos moldes de uma escrita européia. Uma contradição já que os principais mentores do modernismo se inspiraram nas vanguardas dos países europeus. Renato Ortiz (2012) adverte que mesmo no ano de 1960 ainda permeia uma cultura a partir dos países do centro.

As abordagens das discussões levantadas por Canclini e Hall nos dão margem para pensar sobre questões contemporâneas, mas que foram cravadas em solo brasileiro desde o período colonial. Com o propósito de dar conta dos diversos aspectos relacionados ao país ao mesmo tempo em que omitia outros, José de Alencar se afasta dos romances que escreveu, cuja temática buscava retratar os costumes da época, mais especificamente da cidade do Rio de Janeiro, e com isso mostra uma parte do país que precisava ser conhecida, ao escrever romances de caráter regionalista.

Outro importante elemento a ser considerado em *O Sertanejo* que se repete em *No Sertão do Conselheiro* diz respeito ao espaço. A paisagem do sertão é construída por Alencar sem a aridez tantas vezes retratada em diversos romances a exemplo de *Vidas Secas* (2003) e *O Quinze* (2015). De uma forma mais amena Alencar situa os moradores da fazenda Oiticica, localizada em Quixeramobim, no Ceará, como um local distante do litoral. Um espaço a ser desbravado e conquistado por aventureiros como podemos ver na passagem abaixo:

O gado de várias espécies, que os primeiros povoadores tinham introduzido na Capitania do Ceará, se propagara de um modo prodigioso por todo o sertão, coberto de ricas pastagens.[...] Chegando a notícia desta riqueza às capitânicas vizinhas, muitos dos seus habitantes, já abastados, vieram estabelecer-se nos sertões do Ceará; e ali fundaram grandes herdades, obtendo as terras por sesmaria. (ALENCAR, 1977, p. 22)

O autor segue sua descrição do sertão falando brevemente sobre a seca para então de forma romântica fazer uma abordagem das belezas aí encontradas. Assim ele passa de um sertão que “tinha o aspecto desolado e profundamente triste que tomam aquelas regiões no tempo da seca” para um sertão de “A terra combusta, onde não se descobria nem mesmo uma raiz seca de capim, vestia-se de bastas messes de mimoso, que a viração da manhã anediava como a crina de um corcel”. (Ibidem, p.94)

Com José Aras temos essas duas representações quando retrata historicamente a realidade de um sertão transformado pela falta de chuvas. Assim ele narra: “Os nordestinos, depois de cada estiagem prolongada, vão ficando desesperançados. Não lhes resta alternativa senão vender suas roças, quase de graça, que são transformadas em pastagens dos mais abastados”. (ARAS, 2003, p.241) Por outro lado de forma poética o autor fala de um sertão transformado pelas águas, ao versar:

Quando cai chuva na terra  
Se alegra todo vivente,  
Fica o mundo aprazerado  
De sul a noite ventando  
Garrotes, touros urrando,  
Andando pra todo lado  
Passa o cágado calado  
Perto das cabras calçadas,  
Saem todos às carneiradas,  
Os homens rezam bendito  
Berra o borrego e o cabrito  
Na armação de uma trovada.  
( ARAS, 2003 p. 173)

O poeta procura apresentar histórica e literariamente as vivências do homem sertanejo que horas é arrastado pelos infortúnios de uma região esquecida, mas que, apesar do descaso por parte das autoridades, se apresenta forte, imbatível e capaz de vencer as dificuldades. De acordo com a análise realizada, no tocante às condições climáticas e espaciais, sabemos que a região passa sempre por esses períodos de estiagem, no entanto muito pouco se tem feito para que o sertanejo pudesse conviver com o clima característico do semi-árido. Conforme as explicações de Medeiros Filho e Souza, aqui já apresentadas, houve um grande desinteresse por parte da classe dominante em procurar resolver tal situação, configurando-se a seca, em um “falso problema”.

### **Considerações finais**

Pensar sobre o Romantismo como movimento literário ocorrido no Brasil a partir do século XIX significa a compreensão de que uma gama de temas e ideais foram abordados. Serviu, assim, de inspiração para a escrita de muitos outros

autores. Os intelectuais objetivaram responder à problemática, descrevendo e discutindo por meio da prosa ou do verso, embora tenham feito retratando, muitas vezes, de forma controversa e paradoxal o que acreditavam e acreditam ser a realidade brasileira. A estudiosa, Lúcia Helena, analisa nos romances de Alencar uma escrita que levanta reflexões acerca de múltiplas identidades, além de propiciar ao Romantismo discussões de ordem filosófica, política e literária.

Falar sobre o movimento romântico significa não só realizar uma abordagem histórica da literatura, mas verificar questões da época que ainda se fazem presentes. Corroborando Renato Ortiz (2012) com essa ideia ao declarar que o tema da cultura brasileira e identidade nacional ainda permanecem atuais se constituindo como base estrutural para toda problematização do que é o nacional.

O encontro dos movimentos culturais surgidos em diferentes épocas, mas que se coadunam no presente nos indicam que questões como identidade e nacionalidade são recorrentes. Basta fazermos um percurso pelos caminhos trilhados pela literatura para tomarmos consciência de que o Brasil, como jovem nação, em fases díspares, procura se afirmar e responder a questão imperativa sobre o que é o país e o que é ser brasileiro.

### **Referências bibliográficas:**

ALENCAR, José. *O Sertanejo* (s.d). São Paulo: Três LTDA

\_\_\_\_\_. *O guarani* (1996). 20ª ed., São Paulo: Ática.

ARAS, José (2003). *No Sertão do Conselheiro*. Editor J.J.Rondam Salvador: Contexto e Arte.

CANCLINI, Nestor Garcia (2008). *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*, 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

COUTINHO, Eduardo F. (2001) *Discurso Literário e Construção da Identidade Brasileira*. In:Léguas e Meia: Revista de Literatura e Diversidade Cultural. Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural da Universidade Estadual de Feira de Santana: UEFS. Feira de Santana, Nº 1, p.54-63.

HALL, Stuart (2014). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva &Guacira Lopes Souza. Rio de Janeiro: Lamparina

HELENA, Lúcia (2001). *Identidades em Curso: José de Alencar e a Hipótese Brasil*.In:Léguas e Meia: Revista de Literatura e Diversidade Cultural. Programa de

Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural da Universidade Estadual de Feira de Santana: UEFS. Feira de Santana, Nº 1, p.9-19

ORTIZ, Renato (2012). *Cultura Brasileira & Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense.

